

DAS HQS DE CHICO BENTO: A MEMORIZAÇÃO E A “COLA” COMO ESTRATÉGIAS PARA ASSEGURAR O BOM DESEMPENHO NOS RESULTADOS DA AVALIAÇÃO ESCOLAR

Fabiula Campos Falcão Fagundes¹

Gelson Vanderlei Weschenfelder²

RESUMO: Uma característica muito comum do ensino é o uso e o abuso da memorização, princípio da educação tradicional. Neste contexto, esse manuscrito propõe discutir a memorização e a “cola” como estratégias para assegurar o bom desempenho nos resultados da avaliação, estabelecemos a relação do uso da “cola” e do ato de memorização do conteúdo como garantia do resultado satisfatório na avaliação. Para isso, essa análise propõe apresentar como problema de investigação os conteúdos difundidos nas HQs do Chico Bento sobre a avaliação da aprendizagem escolar. Essas tirinhas nos possibilitaram a imersão neste contexto, permitindo realizar associações a aspectos da escola, bem como desenvolver aproximações e distanciamentos diante o proposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental em situações apresentadas na escola da Vila Abobrinha.

Palavras-chave: Avaliação; Ensino Fundamental; História em Quadrinhos.

ABSTRACT: A very common feature of teaching is the use and abuse of memorization, a principle of traditional education. In this context, this manuscript proposes to discuss memorization and “cheating” as strategies to ensure good performance in assessment results, establishing the relationship between the use of “cheating” and the act of memorizing content as a guarantee of satisfactory assessment results. To this end, this analysis proposes to present as a research problem the content disseminated in Chico Bento's comic strips on the assessment of school learning. These comic strips enabled us to immerse ourselves in this context, allowing us to make associations with aspects of the school, as well as to develop approximations and distancing from what is proposed in the National Curriculum Guidelines for Primary Education in situations presented at the Vila Abobrinha school.

Keywords: Evaluation; Elementary school; Comic books.

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa teórica, do tipo bibliográfico, apresentando como problema de investigação: Quais são os conteúdos difundidos nas histórias em quadrinhos Chico Bento

¹ Mestra em Educação e Gradua em Pedagogia pela Universidade La Salle- Canoas/RS..

² Docente da Faculdade Dom Bosco. Analista de Educação da SEDUC/RS. Doutor e Mestre em educação e Graduado em Filosofia e Pedagogia.

sobre a avaliação da aprendizagem escolar? O corpus investigativo está composto por três tirinhas da Revista Chico Bento, disponibilizadas no Aplicativo Banca da Mônica, utilizado para os dispositivos móveis (celular). Os dados serão analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2016). Ao eleger como objeto analítico os conteúdos sobre avaliação difundidos pelas Histórias em Quadrinhos, tem-se presente de que tais histórias são formadoras de opinião e podem influenciar as concepções das crianças leitoras, corroborando ou refutando o que as mesmas entendem e vivenciam nos processos de avaliação no contexto escolar. Os resultados demonstram a presença da avaliação somativa (classificatória) centrada na aquisição de conteúdo, tendo como predominância a memorização, para que o educando garanta sua promoção emprega o método da “cola” em suas avaliações. O referencial teórico que alicerça o estudo está alicerçado nos pressupostos sobre avaliação de autores tais como Hoffmann (1995), Esteban (2009), Demo (2006), Vasconcellos (2008), Luckesi (2010) e Moretto (2010). Com relação às Histórias em Quadrinhos, buscamos aportes nos pressupostos de Moya (1977), Eisner (1999), Freitas (2008), Weschenfelder (2011) e Machado (2019).

2. UMA ESCOLA NOS QUADRINHOS

Assim como toda a construção de conhecimento, a memorização também precisa ser algo significativo para o aluno. Para Moretto (2010), o professor necessita ser competente, apresentar sua habilidade de ensinar, utilizando a linguagem apropriada, ter objetivos claros. Saber administrar emoções e valores culturais ligados à avaliação e ao ensino, criando um ambiente propício para a aprendizagem. Segundo Moretto (2010, p. 13):

Uma característica muito comum do ensino é o uso e o abuso da memorização. As escolas com essa característica são, frequentemente, chamadas de tradicionais. No processo de avaliação da aprendizagem, nesse contexto, há perguntas que apelam apenas para a memorização mecânica, sem contextualização ou significado.

O documento legal norteador desta pesquisa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos (BRASIL, 2010), estabelecem no Art. 26, parágrafo IV, que a contextualização dos conteúdos deve priorizar que aprendizagem seja relevante e socialmente significativa ao aluno.

A Figura 1 apresenta uma tirinha em que fica evidenciada a ênfase na memorização como instrumento de avaliação. Onde a educadora realiza perguntas para avaliar o conteúdo aprendido, por não saber a matéria o protagonista recorre à prece, para escapar de responder ao teste oral.



Figura 1: Tirinha do Chico Bento, nº 329/1999. Fonte: Aplicativo Banca da Mônica, 2019.

Hoffmann (1995, p. 61) enfatiza que “compreender não significa repetir ou memorizar, mas descobrir as razões das coisas, numa compreensão progressiva nas noções”. A autora estabelece (p.57):

A postura do professor frente às alternativas de solução construídas pelo aluno deveria estar necessariamente comprometida com tal concepção de erro construtivo. O que

significa considerar que o conhecimento produzido pelo educando, num dado momento de sua experiência de vida, é um conhecimento em processo de superação. A criança e o jovem aprimoram sua forma de pensar o mundo na medida que em que se deparam com novas situações, novos desafios e formulam e reformulam suas hipóteses.

O erro do aluno, concebido como um erro construtivo, viabiliza ao professor compreender as hipóteses do aluno acerca de determinado conteúdo. Hoffmann (1995, p. 20) salienta que “[...] os erros, as dúvidas dos alunos, são considerados como episódios altamente significativos e impulsionadores da ação educativa. Permitem ao professor observar investigar como o aluno se posiciona diante do mundo ao construir suas verdades”.

Com base no erro, o professor pode desenvolver intervenções que orientem a explorar de maneira mais precisa e alcançar o potencial do educando. Desse ponto de vista, (HOFFMANN, 1995, p 20):

Ação avaliativa abrange justamente a compreensão do processo de cognição. Porque o que interessa fundamentalmente ao educador é dinamizar oportunidades de o aluno refletir sobre o mundo e conduzi-lo à construção de um maior número de hipóteses, numa espiral necessária de formulação e reformulação de hipóteses (abstração reflexiva).

Segundo Demo (2006, p. 20): “Os alunos são avaliados pela memorização de conteúdo, em processos draconianos que mais parecem trabalho forçado”. Desta maneira, descaracteriza-se o real motivo da avaliação que é auxiliar o aluno em sua aprendizagem. Por meio do resultado da avaliação, o professor pode tomar as devidas providências para que o aluno supere suas dificuldades e siga adiante em seu processo de construção do conhecimento.

A posição a ser assumida pelo professor diante das dificuldades ou da não aprendizagem irão depender dele mesmo. Nesse sentido, Demo (2006, p. 22) destaca que “Assim, o professor, descobrindo que seu aluno não está aprendendo, pode vociferar na cara dele que é burro, como pode apresentar-se como parceiro de um projeto conjunto de recuperação, passo a passo, assumindo integral responsabilidade pedagógica.”.

A representação de educadora nas histórias em quadrinhos de Chico Bento é a professora Marocas que leciona na escola da Vila Abobrinha, professora rígida, mas muito amorosa com os alunos, a mesma enfrenta alguns problemas que estão presentes

na realidade escolar, a falta excessiva, as dificuldades de aprendizagem, a “cola”, a expectativa da família, o desencontro com a realidade dos educandos, problemáticas que se refletem nos resultados das avaliações. Passamos a análise das tirinhas apresentadas por meio das Figuras 2 e 3.

Na perspectiva da aprendizagem efetiva articulada aos alunos que não alcançam o resultado desejado, comparado ao nível de conhecimento esperado, destacamos a concepção de Esteban (2009, p. 49) que enfatiza os distanciamentos presente nos conteúdos das avaliações, assim complementa:

Como se pode observar, a formulação da proposta está desarticulada do cotidiano escolar, não considera suas peculiaridades, os diferentes contextos sociais e as culturas em que as crianças vivem e nas quais as escolas se inscrevem. Desaparece a dimensão sócio -histórica das dinâmicas escolares e da composição de seus resultados. Há, portanto, um grande distanciamento entre os resultados obtidos e os sujeitos que, supostamente, os produzem.

Na Figura 2, presenciamos a educadora entregando as provas, consequentemente a reação dos alunos, ao entregar a avaliação do estudante Hiro com a nota zero, Chico Bento expressa desespero e começa a chorar, assustada a professora questiona-o, e o menino relata que colou do colega, então o zero também pertencia a ele.



Figura 2: Tirinha do Chico Bento, nº 337/1999. Fonte: Aplicativo Banca da Mônica, 2019.

Ao observarmos a Figura 3, acompanhamos o plano dos alunos para deter a atenção da professora Marocas, presenteando-a com muitas maçãs, para que a mesma não perceba a tentativa de “cola” adotada pelos educandos para chegar à aprovação.

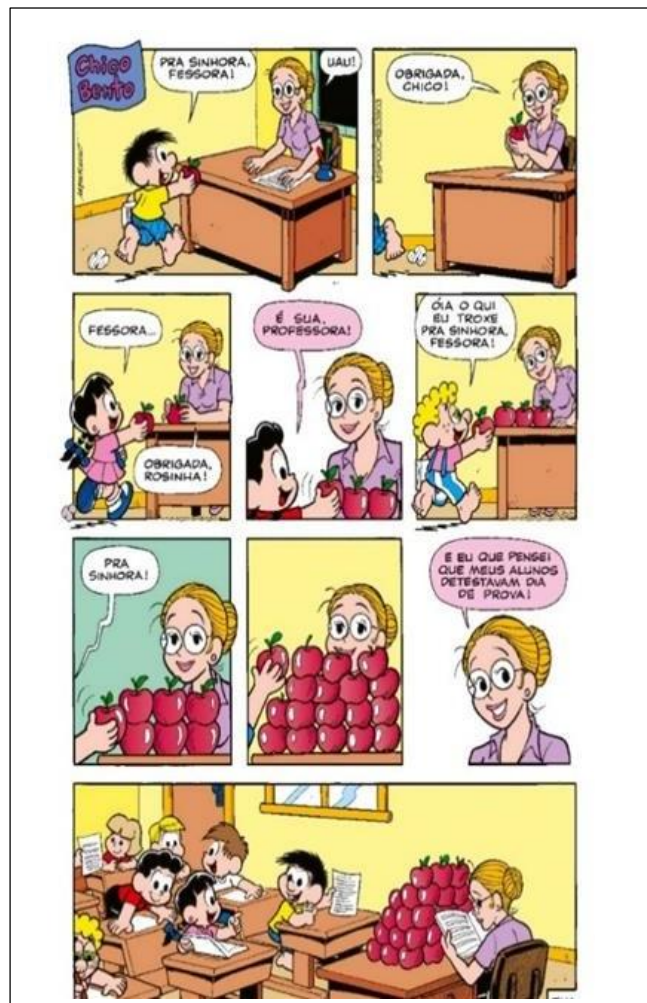


Figura 3: Tirinha do Chico Bento, nº 337/1999. Fonte: Aplicativo Banca da Mônica, 2019.

Nas histórias em quadrinho de Chico Bento, o aluno busca constantemente a tão sonhada nota 10, muitas vezes utilizando artifícios incorretos, como exemplo a “cola”. E quando o mesmo não alcança a média a sua frustração fica evidente e o descaso do educador sobre as expectativas do aluno. É parte do educador fazer que o aluno entenda o real objetivo da prova. Moretto (2010, p. 37), faz a seguinte reflexão a respeito do uso da cola:

Ao longo dos anos, diversos mitos foram construídos em torno do conceito de avaliação da aprendizagem. “Quem não cola não sai da escola”, por exemplo, levou muitos alunos a julgar natural “colar” (“pescar” e “filar”) nas provas. “Prova, a hora do acerto de contas” foi uma ideia que levou professores a utilizar esse instrumento de avaliação como forma de controlar a disciplina e dominar os alunos “mais rebeldes”.

Para Luckesi (2010), o aluno entende que “O que predomina é a nota: não importa como elas foram obtidas nem por quais caminhos. São operadas e manipuladas como se nada tivessem a ver com o percurso ativo do processo de aprendizagem”.

Segundo Demo (2006, p. 96) “A primeira questão que se coloca é que o avaliado precisa compreender as razões da avaliação, para não se sentir apenas como vítima de um procedimento de cima para baixo, de fora para dentro, estranho e violento”. A partir disso ter claro em seus conceitos, qual o verdadeiro peso da nota no processo de aprendizagem.

No entender de Vasconcellos (2008, p. 143): “O educador que busca alternativas para a prática pedagógica, procura abrir horizontes teórico-metodológicos. A consolidação de uma nova forma de avaliar exige este investimento num novo vínculo pedagógico”. Continua o autor explicando que (p. 181):

A mudança avaliativa não pode ficar restrita a mudanças de mentalidade e práticas dos professores; embora isto seja absolutamente fundamental, precisa ser articulada com mudanças estruturais da própria escola, do sistema educacional e da sociedade, sob pena de se comprometer qualquer esforço na direção de uma nova concepção dos atores. Dialeticamente falando, até para que haja mudança de mentalidade é preciso, em alguma medida alteração na base objetiva da existência, senão as novas representações não se enraízam, se volatilizam.

A “cola” e a memorização se constituem o reflexo do insucesso da aprendizagem e da insegurança do aluno no momento da avaliação. A mesma deve ser analisada, pois demonstra a situação e os meios que o aluno utiliza para garantir a promoção escolar. A prova, no processo de avaliação, tem o objetivo de revelar a aprendizagens construídas durante o ano letivo pelo aluno. No momento em que o educando se detém a ter como suporte a “cola” e o ato de memorizar o conteúdo, o mesmo está sinalizando que não está preparado para ser avaliado, cabe aos educadores estarem atentos a estes sinais e realizar as intervenções necessárias para o sucesso de sua turma.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A memorização e a “cola” como estratégias para assegurar o bom desempenho nos resultados da avaliação, estabelecemos a relação do uso da “cola” e do ato de memorização do conteúdo como garantia do resultado satisfatório na avaliação.

Verificou-se que a aplicação destas estratégias comprova o insucesso da aprendizagem e da vulnerabilidade do educando ao realizar a avaliação, estes fatores demonstram os meios que o aluno emprega para assegurar o avanço escolar. Desta forma, o aluno evidencia que não se encontra em condições para ser avaliado.

Após análise, percebemos que os enredos do personagem representam a escola tradicional, centrada no conteúdo, baseada na avaliação classificatória. As tirinhas nos possibilitaram a imersão neste contexto, permitindo realizar associações a aspectos da escola, bem como desenvolver aproximações e distanciamentos diante o proposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Assim, após a leitura de ambos os materiais, percebemos, um distanciamento do ideário avaliativo apresentado nas Diretrizes com as situações apresentadas na escola da Vila Abobrinha. Enquanto que no primeiro a avaliação se apresenta como um processo que busca coletar indícios do processo de construção da aprendizagem do educando ao mesmo tempo em que fornece dados para o planejamento de políticas educacionais, a segunda destaca um processo avaliativo classificatório e excludente, colaborando muito mais com uma exclusão social já predominante em nossa sociedade do que com a construção de uma educação de qualidade e consolidação do Direito à aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70 LDA/Almedina Brasil, 2016.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Resolução nº 7, de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.
- DEMO, Pedro. Avaliação: para cuidar que o aluno aprenda. São Paulo: Criarp, 2006.
- EISNER, Will. Quadrinhos e arte sequencial: a compreensão e a prática da forma de arte mais popular do mundo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ESTEBAN, Maria Teresa. Provinha Brasil: desempenho escolar e discursos normativos sobre a infância. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, RJ, p. 47-56, 2009.
- FREITAS, Daniela Amaral Silva. O discurso da educação escolar nas Histórias em Quadrinhos de Chico Bento. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

- HOFFMANN, Jussara. Avaliação: mito & desafio: uma perspectiva construtivista. 16. ed. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1995.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MACHADO, Renato Ferreira. Identidades Secretas: decodificando a dimensão religiosa presente na cultura. In: BRUSTOLIN, Leomar Antônio; ANDRADE, Rogério Ferraz. Por uma educação cristã: humanista e solidária. Porto Alegre: Evangraf, 2019. p. 83-101.
- MORETTO, Vasco Pedro. Prova: Um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas. 9ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.
- MOYA, Álvaro de. Shazam! 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1977. 343 p.
- MSP, (Mauricio de Sousa Produções). Aplicativo Banca da Mônica (2019). Disponível em:
https://play.google.com/store/apps/details?id=air.br.com.mauriciodesousa.caixadequadri nhos&hl=pt_BR . Acesso em: 03 de mar. 2019.
- SOUSA, Mauricio. Chico Bento. São Paulo: Editora Globo, nº 329, setembro/1999.
- SOUSA, Mauricio. Chico Bento. São Paulo: Editora Globo, nº 337, dezembro/1999.
- SOUSA, Mauricio. Chico Bento. São Paulo: Editora Globo. nº 339, janeiro/2000.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança: por uma práxis transformadora. 9. ed. São Paulo: Libertad, 2008. 230 p. (Coleção cadernos pedagógicos do Libertad; 6). ISBN 8585819103.
- WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de super-heróis e sua importância na formação moral, na perspectiva da ética. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) Centro Universitário La Salle, Canoas, 2011.